

NEUROQUEER: INTERSEÇÕES ENTRE NEURODIVERSIDADE E SER QUEER

SAFANETA, Marte, marte.safaneta@gmail.com

RESUMO

O texto reflete a experiência de um pesquisador autista, transmasculino e não-binário, que narra o processo de autoconhecimento e a busca por uma identidade autista, que só foi reconhecida aos 27 anos. Essa descoberta tardia é caracterizada por uma série de dificuldades, desde diagnósticos equivocados, como transtorno de personalidade borderline e bipolaridade, até a desconstrução da identidade imposta pela normatividade social. O autor destaca que o autismo, muitas vezes, é tratado como uma patologia, sendo visto de forma deficitária e desumanizante, sem considerar as vivências autênticas e subjetivas dos autistas. O texto ainda aponta a interseção entre o autismo e identidades queer, evidenciando como a cishnormatividade e a neuronormatividade dificultam o reconhecimento e a aceitação de pessoas autistas transgênero e de gênero diverso.

O autor propõe a crítica ao paradigma da patologia, defendendo a importância do modelo da neurodiversidade como alternativa ética e política, ao reconhecer a diversidade neurológica como uma forma natural e valiosa de ser. O conceito de *neuroqueering* (neuroqueerificação), inspirado na Teoria Queer, é introduzido como uma prática de subversão das normas neuronormais e cishnormativas, desafiando a ideia de um padrão único e "normal" de funcionamento. A proposta do *neuroqueering* enfatiza a subversão das normas de gênero e neurocognição, buscando criar um espaço onde as identidades autistas e queer possam coexistir de forma legítima, sem serem patologizadas.

Por fim, o texto conclui que a aceitação de identidades neuroqueer e queer é uma forma de resistência contra as violências impostas pela sociedade e pelos discursos médicos que têm historicamente marginalizado pessoas autistas e queer. O autor defende que é fundamental reconhecer e respeitar o direito dos sujeitos neurodivergentes e queer de se autoidentificarem e de se expressarem de maneira plena, sem as limitações da normatividade social, acadêmica e científica.

Palavras-chave: autismo; neuronormatividade; neuroqueer; neurodiversidade.

Como pesquisador autista trilhei um caminho confuso - não nasci me sabendo autista, me deram o direito a reivindicar essa identidade aos 27 anos. Não há nada de especial nesse conhecimento atrasado, ele é sintoma de algo maior: “muitos subgrupos da população autista [...] enfrentam atrasos no acesso a um diagnóstico de autismo e podem não descobrir, ou perceber, que são autistas até a idade adulta” (Tradução própria¹, DAVIES *et al.*, 2024, p. 2.)

Então, os termos para explicar meu (não)funcionamento, dificuldades e inadequação às normas e expectativas sociais sempre foram baseados em déficit, culpa, vergonha e/ou patologizados. Algo sempre estava fora do normal e parecia, até hoje parece por vezes, que estava fingindo ser gente - o que poderia ser além de gente não sei.

Esse é um sentimento que descobri compartilhar com bastantes integrantes da comunidade autista. Apesar disso tenho certeza que não nascemos nos desumanizando, essa desumanização nos foi imposta: “Mesmo além da psicanálise, o autismo é voltado para o não vivo ou não humano — seus sujeitos são “alienígenas”, “sobrenaturais”, “etéreos”.”(Tradução própria², YERGEAU, 2017, p. 74.)

[...] muitas pessoas autistas enfrentarão o desafio de navegar por um período significativo de suas vidas sem uma explicação clara sobre o porquê de estarem enfrentando dificuldades que seus pares não enfrentam. Essa experiência, sem dúvida, impactará seu senso de identidade e limitará as oportunidades de se conectar com uma comunidade de outras pessoas autistas. (Tradução própria³, DAVIES *et al.*, 2024, p. 2.)

Antes de ser autista psiquiatras me permitiram ser outros tipos de louco⁴ - com estresse pós traumático, agorafóbico, bipolar e depois borderline, transtorno de personalidade esquizoide talvez? Depressão crônica, distúrbio alimentar e

¹ “Indeed, many subgroups of the Autistic population (e.g., those who are girls/women, non-White, and without an intellectual disability) experience delays in accessing an autism diagnosis, and may not find out, or realize, they are Autistic until adulthood (Lewis, 2017; Mandell et al., 2002; Ratto et al., 2016; Wiggins et al., 2020).”

² “For autism is frequently conceived as deadly residence or death-wishing instinct. Even beyond psychoanalysis, autism is primed toward the nonliving or nonhuman—its subjects are “alien,” “other-worldly,” “ethereal.””

³ “many Autistic people will be faced with the challenge of navigating a significant period of their life with no clear explanation as to why they may be facing difficulties that their peers are not. This experience will undoubtedly impact their sense of identity, and limit opportunities to connect with a community of other Autistic people.”

⁴ Uso de linguagem baseada em identidade. “Na verdade, não acho que o Orgulho Louco precise de justificativa. É algo que fazemos, não algo para o qual pedimos permissão.” (Tradução nossa^[8], CHAPMAN, 2024, p. 3.)

ansiedade generalizada com certeza. *Como é sua relação com seu pai?* Termos psicopatologizantes que foram evoluindo e se metamorfoseando dependendo da autoridade-ouvinte. Coisas para as quais fui medicado, com consequências tanto positivas quanto negativas.

[...] muitos diagnósticos de autismo em adultos se configuram como reclassificações, substituindo e/ou complementando diagnósticos anteriores, como deficiência intelectual, apraxia verbal, esquizofrenia, TDAH, transtorno de personalidade borderline, mutismo seletivo, paralisia cerebral, síndrome de Tourette e outros. [...] Mas também é importante reconhecer o racismo, o etnocentrismo, o sexismo e o classismo que permeiam as políticas diagnósticas do autismo. (Tradução própria⁵, YERGEAU, 2017, p. 157.).

Argumento que se basear em noções cisnorma para identificar pessoas autistas é mais uma camada de violência, afinal nega acesso da pessoa *queer* à sua identidade e diversas autistetnografia relatam a obsessão neuronormativa pelas suas performances de gênero como ponto focal, as impedindo de ter acesso a um diagnóstico. Expando agora a discussão a partir de meu lugar atual de pesquisador não-binário transmasculino - minha narrativa autista passará obrigatoriamente por essa identidade *queer* que descobri embaixo da máscara da neuronormatividade que me foi forçada durante estes anos.

Uma pessoa gay no armário não decide simplesmente ficar armário um dia — ele essencialmente nasce no armário, porque a heterossexualidade é normativa e ser gay é tratado como uma rara reflexão tardia ou uma aberração. Da mesma forma, pessoas autistas nascem com a máscara da neurotipicidade pressionada contra o rosto. (Tradução própria⁶, PRICE, 2022, p.8.)

Na minha experiência pessoal o primeiro armário que saí foi o da heteronormatividade - me assumi como bi, que mudou para pansexual quando me apropriei da identidade não-binária e passei a rejeitar a binaridade cisnorma. Tudo isso aconteceu antes da identidade autista, mas só depois da descoberta dessa última consegui passar pelo processo de transição social e trocar de nome, acredito que assim foi pois “o mascaramento consiste em camuflagem e compensação. É um

⁵ "Of course, these stereotypes ignore, for instance, that many adult autism diagnoses take shape as reclassifications, replacing and/or complementing prior diagnoses such as intellectual disability, verbal apraxia, schizophrenia, adhd, borderline personality disorder, selective mutism, cerebral palsy, Tourette's, and beyond. Deinstitutionalization brought as many diagnostic shifts as did revisions to the dsm. But so too is it important to recognize the racism, ethnocentrism, sexism, and classism that attend autism's diagnostic politics."

⁶ "A closeted gay person doesn't just decide one day to be closeted—they're essentially born into the closet, because heterosexuality is normative, and being gay is treated as a rare afterthought or an aberration. Similarly, Autistic people are born with the mask of neurotypicality pressed against our faces."

sistema complexo de comportamentos, performances e até mesmo decisões de vida.” (Tradução própria⁷, PRICE, 2022, p. 167.),

Apesar de papéis sociais de gênero nunca terem feito sentido para mim, a minha performance social ainda era condicionada à compensação dos meus déficits, aderindo a pelo menos algum semblante de *normalidade*, inclusive para mim mesmo. Exigindo respeito com minha identidade não-binária apenas em círculos sociais que entendem essas denominações ou em lugares receptivos a discussões *queer* me escudava de outras violências perpetuadas pela sociedade.

Ainda é pouco discutida a interseção entre autismo e identidades *queer*, possivelmente porque autoridades sobre o autismo (pais de autistas, terapeutas e especialista em autismo, etc) seguem nos colocando num lugar de não-agência, porém elas existem:

Indivíduos autistas têm 8,1 e 7,6 vezes mais probabilidade de se autodenominar assexuais ou de se identificarem como ‘outra’ orientação sexual do que indivíduos não autistas, respectivamente. [confirmam a] probabilidade relativamente maior de se identificar como uma orientação sexual não heterossexual e uma probabilidade relativamente menor de se identificar como heterossexual; (Tradução própria⁸, WEIR *et al.*, 2021, p.2350-2351.)

[...] indivíduos transgêneros e gênero-diverso têm de 3,03 a 6,36 vezes mais probabilidade de serem autistas do que indivíduos cisgênero. [...] indivíduos transgêneros e gênero-diverso obtiveram pontuações significativamente mais altas em medidas de autorrelato de traços autistas [...] Por fim, a análise exploratória identificou que indivíduos transgêneros e gênero-diverso eram mais propensos a relatar que suspeitavam ter autismo não diagnosticado. (Tradução própria⁹, WARRIER *et al.*, 2020, p.6.)

Warrier (2020) aponta também que essa associação se aplica também a outras neurominorias. Afirmando que além da cisnormatividade impedindo minha aceitação, a neuronormatividade perpetuou e impeliu meu mascaramento, no meu caso por pressão social, mas muitas vezes o mascaramento vem por imposição *terapêutica* a pessoas autistas, não coincidentemente: “O que em 2014 foi

⁷ “Recall that masking consists of both camouflage and compensation. It’s a complex system of behaviors, performances, and even life decisions.”

⁸ “Autistic individuals are 8.1 and 7.6 times more likely to self-report identifying as asexual or ‘other’ sexual orientation than nonautistic individuals, respectively. [...] confirm relatively greater likelihood of identifying as a nonheterosexual sexual orientation and relatively lower likelihood of identifying as heterosexual;”

⁹ “transgender and genderdiverse individuals were 3.03 to 6.36 times as likely to be autistic than were cisgender individuals.[...] transgender and gender-diverse individuals scored significantly higher on self-report measures of autistic traits, [...] Finally, exploratory analysis identified that transgender and genderdiverse individuals were more likely to report that they suspected they had undiagnosed autism.”

considerado a “terapia padrão ouro para autismo” [...] foi a terapia predominante usada para treinar crianças queer percebidas como trans, afeminadas e/ou homossexuais nas décadas de 1960 e 1970.” (Tradução própria¹⁰, YERGEAU, 2017, p. 40.)

Essas teias retóricas de autismo e *queerness* não são notáveis apenas por seus horrores. Elas evocam todas as questões difíceis e substanciais que qualquer tipo de interseccionalidade exige. Como explicamos onde a *queerness* começa e a deficiência termina? Pode muito bem ser que eu seja *queer* apenas porque minha deficiência neurológica me predispõe a isso. Mas isso importa? Quais são as consequências de dizer que sou *queer* porque sou autista — ou, inversamente, que sou autista porque sou *queer*? (Tradução própria¹¹, YERGEAU, 2017, p. 30.)

Ao mesmo tempo que a negação da máscara trouxe soluções, o diagnóstico se mostra às vezes uma barreira:

Um estudo recente demonstrou que um terço dos indivíduos autistas teve sua identidade de gênero questionada por serem autistas. É necessário garantir que indivíduos autistas transgênero e de gênero diverso tenham o direito de expressar seu gênero, viver com dignidade e receber reconhecimento social e legal de seu gênero. (Tradução própria¹², WARRIER *et al.*, 2020, p.7.)

Descobertas similares de diagnóstico como barreira a cuidados de afirmação de gênero são apresentadas também em Cooper et al. (2022). Essas barreiras de acesso sempre serão firmes enquanto a neuronormatividade e a cisheteronormatividade¹³ forem normas sociais dominantes:

Dadas as ameaças específicas do autismo às ordens sociais, a *queeridade* do autismo é frequentemente contada por meio da desorientação: os autistas são tão prejudicados retoricamente que permanecem desorientados em relação a tudo o que é normativo e apropriado, seja empatia, *eros* ou

¹⁰ “What is in 2014 considered the “gold standard autism therapy” (see the Autism Speaks website) was the predominant therapy used to train out the queer in children perceived to be trans, effeminate, and/or homosexual in the 1960s and 1970s.”

¹¹ “these rhetorical webs of autism and queerness are not just notable for their horrors. They invoke all of the tough, meaty questions that any kind of intersectionality demands. How do we account for where queerness begins and disability ends? It may well be that I am queer only because my neurological disability predisposes me to queerness. But does that matter? What are the consequences of saying that I’m queer because I’m autistic—or, conversely, that I’m autistic because I’m queer?”

¹² “Both autistic individuals and transgender and gender-diverse individuals are marginalized groups where the currently available support and understanding is inadequate. Both groups are also more likely than others to engage in self-harm, suicidal ideation and suicidal behaviors, and to have other vulnerabilities. This intersection of autism and gender diversity can be doubly distressing if adequate safeguarding and support are not provided.”

¹³ “A heterossexualidade e a cisgeneridade são, portanto, estreitamente vinculadas e mutuamente sustentadas, caracterizando o que poderíamos denominar cisheteronormatividade.” (BONASSI, 2017, p.50)

gênero (desempenho e conceito em si). (Tradução própria¹⁴, YERGEAU, 2017, p. 27.)

Curiosamente, parece haver uma dupla barreira aqui. Não nos é permitido ser autistas se formos *queer* e não nos é permitido ser *queer* se formos autistas. Acredito atualmente que minha não-aceitação dupla, como indivíduo autista e como indivíduo transgênero, contribuía para meu sofrimento psíquico, e que, a aceitação contribui para meu bem estar.

Warrier *et al.* (2020) e Weir *et al.* (2021) nos apresentam dados que precisei citar para que você, leitor, acreditasse que pessoas autistas não só têm agência suficiente para ser *queer*, mas que o são em maior número que pessoas neuronormativas. Se não estivesse num lugar de descrença, preferiria não citá-los pois eles não são feitos por acadêmicos autistas. Ambos os estudos são a “nova geração” de publicações que Yergeu problematiza preocupadamente:

Para ser claro, minha preocupação não reside em questões de etiologia (eu posso de fato ser causalmente *queer* ou *genderqueer* porque sou autista, ou vice-versa), mas sim nas maneiras pelas quais essas retóricas de etiologia apresentam implicações violentas para o *neuroqueer*. As implicações, é claro, têm sido muitas: que para pessoas autistas, a identidade trans é pouco mais do que uma obsessão ou compulsão; que a “relação transacional” entre transgeneridade e autismo representa déficits na Teoria da Mente (gênero, afinal, requer um senso desenvolvido de si e dos outros); que pessoas autistas podem “interpretar mal” suas estranhezas e exclusões sociais relacionadas ao autismo como identidade *genderqueer*; que a pesquisa em busca de uma cura para o autismo pode levar a pesquisas que curem a transgeneridade ou a intersexualidade; e assim por diante. Embora eu esteja de fato argumentando que o autismo é *queerness* ou *queerificação* em si mesmo, e que, anedoticamente e até empiricamente falando, uma porcentagem maior de autistas se identifica como *queer* ou *genderqueer* quando comparados a alísticos [neuronormativos], não estou disposto a aceitar pesquisas que atribuiriam nossas identidades de gênero a ideias capacitistas como “falta conceito de si mesmo e do outro”. (Tradução e apontamento próprio¹⁵, YERGEAU, 2017, p. 71.)

¹⁴ “Given autism’s particular threats to social orders, autism’s queerness is often storied by means of disorientation: Autistics are so rhetorically impaired that they remain unoriented toward all that is normative and proper, whether empathy or eros or gender (performance and concept unto itself).”

¹⁵ To be clear, my concern lies not with questions of etiology (I might indeed be causally queer or genderqueer because I’m autistic, or vice versa), but rather the ways in which these rhetorics of etiology pose violent implications for the neuroqueer. The implications, of course, have been many: that for autistic people, trans identity is little more than an obsession or a compulsion; that the “transactional relationship” between transness and autism represent deficits in ToM (gender does, after all, require a developed sense of self and others); that autistic people might “misinterpret” their autismrelated social oddities and exclusions as genderqueer identity; that research toward a cure on autism might lead toward research that cures transness or intersexness; and so on.¹⁴¹ While I am indeed arguing that autism is queerness or queering unto itself, and that, anecdotally and even empirically speaking, a larger percentage of autistics identify as queer or genderqueer when compared to allistics, I am unwilling to accept research that would attribute our gender identities to ableist ideas such as “lacks concept of self and other.”

Vimos até agora, então, como imposições normativas moldam as visões de si e o acesso ao conhecimento de si mesmo de indivíduos minorizados. A desautorização sobre si por parte das autoridades médicas, e o cerceamento a identidades neuroqueer que essas mesmas autoridades perpetuam nos colocam em lugares de não-agência e replicam violências sistêmicas:

Mas qualquer que seja o progresso que possamos atribuir ao nosso momento presente, é impossível negar que os argumentos que estruturam os conhecimentos, as compreensões e os sentimentos públicos sobre o autismo são extremamente capacitistas, poderosamente violentos e naturalmente não autistas. (Tradução própria¹⁶, YERGEAU, 2017, p. 5.)

Aos poucos fui adentrando a comunidade autista online e participando de discussões sobre autismo e foi assim, como tantos outros, que fui introduzido ao paradigma da neurodiversidade, aprendi o que era o paradigma da patologia e percebi que havia outras formas e meios de me ver no mundo.

Em *Jogue fora as ferramentas do senhor: libertando-nos do paradigma da patologia*¹⁷, Walker (2021) define dois pressupostos fundamentais do mesmo:

1- Existe uma maneira “certa”, “normal” ou “saudável” para o cérebro e a mente humana serem configurados e funcionarem (ou uma faixa “normal” relativamente estreita na qual a configuração e o funcionamento do cérebro e da mente humana devem se enquadrar). 2- Se sua configuração e funcionamento neurológicos (e, conseqüentemente, suas maneiras de pensar e se comportar) divergem substancialmente do padrão dominante de “normal”, então Há Algo Errado Com Você. (Tradução própria¹⁸, WALKER, 2021, 8.10)

Chapman (2023b) localiza seu precursor como sendo por Francis Galton, o pai da eugenia, à mais ou menos 100 anos atrás. Uma associação problemática que merece apontamento:

Não pretendo afirmar que a teoria eugênica seja sinônimo da teoria do paradigma da patologia. [...] Galton desenvolveu a base do paradigma várias décadas antes de apresentar a noção mais ampla de eugenia. Assim, embora estejam intimamente interligados e tenham crescido juntos, não são idênticos. A diferença é que o paradigma da patologia não se compromete

¹⁶ “But whatever progress we might attribute to our present moment, it is impossible to deny that the arguments structuring public knowledges, understandings, and felt senses of autism are grossly ableist, powerfully violent, and unremarkably nonautistic.”

¹⁷ Texto publicado em 16 de agosto de 2013 em [Neurocosmopolitanism](#), o blog do autor, mas citado aqui na versão coletânea publicada em 2021

¹⁸ “1- There is one “right,” “normal,” or “healthy” way for human brains and human minds to be configured and to function (or one relatively narrow “normal” range into which the configuration and functioning of human brains and minds ought to fall). 2- If your neurological configuration and functioning (and, as a result, your ways of thinking and behaving) diverge substantially from the dominant standard of “normal,” then there is Something Wrong With You.”

necessariamente com a ideia de que a raça ou espécie pode ser aprimorada em nível de grupo. Ele apenas compartilha a ideia subjacente de que podemos classificar populações em termos de habilidades mentais, e que uma posição mais alta na classificação é mais desejável. Elas são, portanto, intimamente inter-relacionadas, mas também distintas. É importante reconhecer isso porque existem inúmeras maneiras, mais ou menos sutis, pelas quais essa teoria e ideologia se manifestam no Império da Normalidade[...]. (CHAPMAN, 2023b, 12,19)

O Walker (2021) também afirma que como qualquer paradigma cultural dominante, ele está normalizado ao ponto de ser invisível no dia a dia. Tal como sexismo ou racismo, o paradigma da patologia, enraizado na neuronormatividade, é também uma forma de opressão sistêmica:

[...] precisamos deixar absolutamente claro — em nossas mentes e em nosso discurso escrito e falado — que o paradigma da patologia nada mais é do que intolerância institucionalizada disfarçada de ciência, e que ele é ilegítimo e prejudicial da mesma forma que o racismo, a misoginia e outras formas de intolerância que historicamente também se disfarçaram de ciência. (Tradução própria¹⁹, WALKER, 2021, 27.3)

Descubro que o que tornava horrível minhas leituras sobre autismo nada mais era que o efeito do paradigma da patologia, desses discursos baseados em déficit, doença e cura, dessas falas que me tornavam o Outro.

A dependência dos neurotípicos ao seu próprio conhecimento incorporado e compreensão afetiva como recursos interpretativos resulta na percepção de ininteligibilidade dos modos de expressão autistas [...] (Tradução própria²⁰, MOORE, 2023, p. 548.)

A criança autista que evita abraços é reduzida a termos de movimento neuronal, plasticidade sináptica, cegueira mental, desintegração sensorial e flora intestinal. Há algo contrário aqui, algo neurologicamente distorcido. [...] o que não sabemos, e o que muitas vezes ignoramos propositalmente, são as narrativas autistas de tais eventos retóricos, os potenciais, desejos e momentos intercorporais que estruturam uma vida autista, ou qualquer vida. A quem damos ouvidos? Ao autista ou ao não autista? Pode haver realmente um meio-termo? [...] E quanto ao meu corpo inabracável? E quanto a mim? (Tradução própria²¹, YERGEAU, 2017, p. 4.)

¹⁹ "we'll need to be absolutely clear—in our own minds and in our written and spoken discourse—that the pathology paradigm is nothing more than institutionalized bigotry masquerading as science, and that it's illegitimate and harmful in the same sort of ways as racism, misogyny, and other forms of bigotry that have also historically masqueraded as science."

²⁰ "The reliance of neurotypicals on their own embodied knowledge and affective understanding as interpretive resources results in the perceived unintelligibility of Autistic modes of expression"

²¹ "The hug-avoidant autistic child is reduced to terms of neuronal motion, of synaptic plasticity and mindblindness and sensory disintegration and gut flora. There is something contrary here, something neurologically askew. [...] what we do not know, and what we often purposively ignore, are autistic narrations of such rhetorical events, the interbodily potentials, desires, and moments that structure an autistic life, or any life. To whom do we listen? The autistic or the nonautistic? Can there ever really be an in-between? What of my shit? What of my unhuggable body? What of me? What of autos, the self that so consumes the presumably autistic? Where the fuck are we?"

Em contraposição ao paradigma da patologia, está o paradigma da neurodiversidade. Seus princípios são articulados como:

1- A neurodiversidade — a diversidade entre mentes — é uma forma natural, saudável e valiosa de diversidade humana. 2- Não existe um estilo de mente humana “normal” ou “certo”, assim como não existe uma etnia, gênero ou cultura “normal” ou “certa”. 3- A dinâmica social que se manifesta em relação à neurodiversidade é semelhante à dinâmica social que se manifesta em relação a outras formas de diversidade humana (por exemplo, diversidade de raça, cultura, gênero ou orientação sexual). Essas dinâmicas incluem a dinâmica das relações sociais de poder — a dinâmica da desigualdade social, privilégio e opressão — bem como a dinâmica pela qual a diversidade, quando acolhida, atua como fonte de potencial criativo dentro de um grupo ou sociedade. (Tradução própria²², WALKER, 2021, 8.14)

Baseado nesses novos princípios urge uma mudança na linguagem utilizada. Essa mudança de perspectiva ajuda também a gerar mudança sobre como a sociedade trata neurominorias, e acabar com a opressão internalizada sobre nós mesmos: “Descrever-nos numa linguagem que reforça o paradigma da patologia é usar as ferramentas do senhor, na metáfora de Audre Lorde, e assim nos aprisionamos mais profundamente na casa grande.” (Tradução própria²³, WALKER, 2021, 8.24)

Por isso este trabalho utiliza termos como neurominorias, neuronormalizado e neurodiversidade - eles são termos que não partem de uma patologização da diversidade e permitem expansão da discussão sobre o assunto. Já a linguagem baseada em identidade é outra forma de não usar as ferramenta do senhor: falo que sou autista como falo que sou trans, como falo que sou pansexual e não como falo que tenho uma gripe ou que sofro de intolerância à lactose.

Pode parecer estranho à primeira vista, mas se contrapõe à linguagem baseada na pessoa:

A razão pela qual a linguagem baseada na pessoa é tão prevalente nos discursos sobre autismo em nossa sociedade é que esses discursos sempre foram dominados pelas vozes e pontos de vista de autistofóbicos intolerantes. Da década de 1930 até os dias atuais, a grande maioria das pessoas não autistas que escreveram sobre autismo ou realizaram qualquer

²² 1- Neurodiversity—the diversity among minds—is a natural, healthy, and valuable form of human diversity. 2- There is no “normal” or “right” style of human mind, any more than there is one “normal” or “right” ethnicity, gender, or culture. 3- The social dynamics that manifest in regard to neurodiversity are similar to the social dynamics that manifest in regard to other forms of human diversity (e.g., diversity of race, culture, gender, or sexual orientation). These dynamics include the dynamics of social power relations—the dynamics of social inequality, privilege, and oppression—as well as the dynamics by which diversity, when embraced, acts as a source of creative potential within a group or society.

²³ “To describe ourselves in language that reinforces the pathology paradigm is to use the master’s tools, in Audre Lorde’s metaphor, and thus to imprison ourselves more deeply in the master’s house.”

tipo de trabalho relacionado ao autismo possuíam atitudes autistofóbicas profundamente arraigadas. A linguagem usada em seus trabalhos reflete essas atitudes. (Tradução própria²⁴, WALKER, 2021, 20.3).

Ao mudar de paradigma, minha associação a uma identidade autista começou um processo de reavaliação das minhas experiências com lentes mais gentis, atualmente assumo uma identidade autista e transgênero. Faço adequações no meu dia-a-dia que me afastam do padrão neuronormativo de vida. Atitudes que me fazem *neuroqueer*.

Identidades neuroqueer são aquelas em que os sujeitos performam a perversidade de seus neurotipos, observando de forma bastante circunlocutória: “Um indivíduo neuroqueer é um indivíduo cuja identidade foi de alguma forma moldada por seu envolvimento em práticas de *neuroqueering*. Ou, para ser mais conciso (mas talvez mais confuso): você é *neuroqueer* se você é *neuroqueer*. [...] O Autismo então representa uma espécie de ameaça neuroqueer à normalidade, à própria essência da sociedade.” (Tradução própria²⁵, YERGEAU, 2017, p. 27.)

Se viver de forma autista significa performar a perversidade do meu neurotipo: não ligar luzes fortes para respeitar minhas sensibilidades sensoriais, respeitar meus limites sociais, meu tempo para fazer as coisas, minha compreensão sobre o que sou como funciono o que sinto, etc. Faço o que Yergeu denomina como *Neuroqueering*, ou neuroqueerificação:

Neuroqueering como a prática de *queering* (subverter, desafiar, perturbar, libertar-se de) neuronormatividade e heteronormatividade simultaneamente. Era uma extensão da forma como *queer* é usado como verbo na Teoria Queer; eu estava expandindo a conceituação de *queering* da Teoria Queer para abranger o *queering* de normas neurocognitivas, bem como de normas de gênero — e, no processo, eu estava examinando como a neuronormatividade e a heteronormatividade socialmente impostas estavam entrelaçadas, e como o *queering* de qualquer uma dessas duas formas de normatividade se entrelaçava e se misturava ao *queering* da outra. (Tradução própria²⁶, WALKER, 2021, 32.11).

²⁴ “The reason that person-first language is so prevalent in our society’s discourses on autism is that those discourses have always been dominated by the voices and viewpoints of autistophobic bigots. From the 1930s through the present day, the vast majority of the non-autistic people who’ve written about autism or done any sort of autism-related work have held deeply ingrained autistophobic attitudes. The language used in their work reflects those attitudes.”

²⁵ “neuroqueer identities are those in which subjects perform the perversity of their neurotypes, noting rather circumlocutiously, “A neuroqueer individual is an individual whose identity has in some way been shaped by their engagement in practices of neuroqueering. Or, to put it more concisely (but perhaps more confusingly): you’re neuroqueer if you neuroqueer.””

²⁶ “neuroqueering as the practice of queering (subverting, defying, disrupting, liberating oneself from) neuronormativity and heteronormativity simultaneously. It was an extension of the way queer is used as a verb in Queer Theory; I was expanding the Queer Theory conceptualization of queering to encompass the queering of neurocognitive norms as well as gender norms—and, in the process, I was examining how socially-imposed neuronormativity and socially-imposed heteronormativity were entwined with one another, and how the queering of either of those two forms of normativity entwined with and blended into the queering of the other one.”

Reivindicar o direito de narrar a si mesmo é um ato de resistência frente às estruturas que historicamente nos representaram como deficientes, incompletos ou incoerentes. Escrever autisticamente é também escrever contrariamente, *queerificando* discursos, saberes e normas.

A ausência de traduções acessíveis de textos fundamentais sobre o movimento e o paradigma da neurodiversidade é um reflexo direto da marginalização do discurso das neurominorias em contextos de língua portuguesa, evidenciada pela quantidade de traduções próprias realizadas para esta produção — e constitui, por si só, um obstáculo político ao acesso ao conhecimento e à construção de pertencimento coletivo.

Que este trabalho, seja parte desse esforço contínuo de reinscrição de nós mesmos no campo da produção de saberes e para a *queerificação* da academia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, às vozes que me antecederam e caminham ao meu lado — especialmente às pessoas autistas, neurodivergentes, trans e com deficiência que, por meio de suas escritas, práticas e resistências, têm construído formas legítimas e potentes de existir e narrar fora do paradigma da patologia.

Aos meus amigos, que me lembram todos os dias que o amor existe e que sou amado, vocês me tornam menos niilista a cada dia que passa e tornam a existência algo bastante além do tolerável. Aos meus pais, que sempre me apoiam.

Aos meus gatos, Bagagem, Tosco, Meia e Pentelha que seguem sem entender porquê passo tanto tempo dando atenção a algo que não eles, mas me apoiam com proximidade, afeto e pequenas instâncias de caos.

REFERÊNCIAS

BARON-COHEN, Simon; KNICKMEYER, Rebecca C.; BELMONTE, Matthew K. Sex Differences in the Brain: Implications for Explaining Autism. **Science**, v. 310, n. 5749, p. 819–823, 4 nov. 2005.

BARON-COHEN, Simon. Autism: A Specific Cognitive Disorder of 'Mind-Blindness'. **International Review of Psychiatry**, 1 jan. 1990.

BETTELHEIM, Bruno. **The Empty Fortress: Infantile Autism and the Birth of the Self**. New York: Simon & Schuster, 1972.

BICCHIERI, Cristina. **Norms in the wild: how to diagnose, measure, and change social norms**. New York (N.Y.): Oxford University Press, 2017.

BONASSI, Brune Camillo. **Cisnorma: acordos societários sobre o sexo binário e cisgênero**. Dissertação (mestrado)—Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2017.

CATALA, Amandine. Epistemic Injustice and Epistemic Authority on Autism. In: **The Bloomsbury Guide to Philosophy of Disability**. 1. ed. [S.l.]: Bloomsbury Publishing Plc, 2023. p. 246–267.

CHAPMAN, Robert. **Empire of normality: neurodiversity and capitalism**. London LasVegas: Pluto Press, 2023b.

CHAPMAN, Robert. **Mad Supremacy. Critical Neurodiversity**, 19 fev. 2024. Disponível em: <https://criticalneurodiversity.com/2024/02/19/mad-supremacy/>(<https://criticalneurodiversity.com/2024/02/19/mad-supremacy/>). Acesso em: 4 maio. 2025

CHAPMAN, Robert. **Simon Baron-Cohen, Neurodiversity-lite, and the History of Eugenic Thought. Critical Neurodiversity**, 5 set. 2021. Disponível em: <https://criticalneurodiversity.com/2021/09/05/why-are-cambridge-men-so-great-simon-baron-cohen-neurodiversity-lite-and-the-history-of-eugenic-thought/>(<https://criticalneurodiversity.com/2021/09/05/why-are-cambridge-men-so-great-simon-baron-cohen-neurodiversity-lite-and-the-history-of-eugenic-thought/>). Acesso em: 4 maio. 2025

CHAPMAN, Robert. Neurodiversity, Antipsychiatry, and the Politics of Mental Health. In: **The Bloomsbury Guide to Philosophy of Disability**. Londres: Bloomsbury Academic, 2023. p. 117–120.

COOPER, Kate *et al.* The lived experience of gender dysphoria in autistic adults: An interpretative phenomenological analysis. **Autism**, v. 26, n. 4, p. 963–974, maio 2022.

DAVIES, Jade *et al.* Autistic identity: A systematic review of quantitative research. **Autism Research: Official Journal of the International Society for Autism Research**, v. 17, n. 5, p. 874–897, maio 2024.

FRICKER, Miranda. **Injustiça Epistêmica: O poder e a ética do conhecimento**. São Paulo, SP: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo, 2024.

GALVIN, John *et al.* Self-Compassion, Camouflaging, and Mental Health in Autistic Adults. **Autism in Adulthood**, 2 abr. 2024.

MCCROSSIN, Robert. Finding the True Number of Females with Autistic Spectrum Disorder by Estimating the Biases in Initial Recognition and Clinical Diagnosis. **Children**, v. 9, n. 2, p. 272, 17 fev. 2022.

MOORE, Nathan. "But You Don't Look Autistic": Epistemic Injustice and Autistic Identity. In: Tremain, Shelley Lynn (Ed.). **The Bloomsbury Guide to Philosophy of Disability**. 1 ed. ed. Londres: Bloomsbury Academic, 2023.

PARIS, Joel. **Fall of an icon: psychoanalysis and academic psychiatry**. Toronto ; Buffalo: University of Toronto Press, 2005.

POWELL, Trevor *et al.* "It Was Like the Final Piece in the Puzzle for Me": A Qualitative Study on the Experiences of Autistic Women Initially Diagnosed with Borderline Personality Disorder. **Autism in Adulthood**, 16 jan. 2024.

PRICE, Devon. **Unmasking autism: discovering the new faces of neurodiversity**. First edition ed. New York: Harmony Books, 2022.

RIPPON, Gina. **Fighting the Neurotrash: is there such a thing as the "male" and "female" brain?**, 10 mar. 2014. Disponível em: [\[https://www.youtube.com/watch?v=2RWvDTKbFHg\]](https://www.youtube.com/watch?v=2RWvDTKbFHg)(<https://www.youtube.com/watch?v=2RWvDTKbFHg>). Acesso em: 29 jul. 2025

WALKER, Nick. **Neuroqueer heresies: notes on the neurodiversity paradigm, autistic empowerment, and postnormal possibilities**. Fort Worth: Autonomous Press, 2021.

WARNER, Michael. Introduction: Fear of a Queer Planet. **Social Text**, n. 29, p. 3–17, 1991.

WARRIER, Varun *et al.* Elevated rates of autism, other neurodevelopmental and psychiatric diagnoses, and autistic traits in transgender and gender-diverse individuals. **Nature Communications**, v. 11, n. 1, p. 3959, 7 ago. 2020.

WEIR, Elizabeth; ALLISON, Carrie; BARON-COHEN, Simon. The sexual health, orientation, and activity of autistic adolescents and adults. **Autism Research**, v. 14, n. 11, p. 2342–2354, 2021.

YERGEAU, Melanie. **Authoring autism: on rhetoric and neurological queerness**. Durham: Duke University Press, 2017.